POR ADEMIR PASCALE
O CAÇADOR
DE VAMPIROS

O CAÇADOR DE VAMPIROS
POR ADEMIR PASCALE

Paris, inverno de 1667.

Meu nome é Piedro Tassi, mas me chamavam de "o caçador", isso há 43 anos, quando minha virilidade ultrapassava a de dois homens saudáveis. Hoje sou apenas um velho, com mais de seis décadas de experiências. Apenas um velho doente e solitário que recorda os bons tempos, que para alguns seriam os piores pesadelos já vivenciados. Sim, gostava daquela vida, afinal, achava que nada de mal poderia me acontecer, pois, quando somos jovens e fortes, somos inatingíveis. Mero engano, pois esse pensamento quase custou minha vida ou, melhor dizendo, minha alma. Perdi quase todos os movimentos do braço esquerdo. Uma muleta auxilia os meus passos vagarosos, pois sinto dormência constante nas pernas. Minha memória continua ativa, minha visão turva permanece atenta aos estranhos movimentos e o meu braço direito é suficientemente forte para erguer a pena com a qual escrevo estas tortuosas linhas, que talvez sejam as últimas deste velho e pobre homem. Sou lastimoso? Sim, confesso. Mas o que você esperaria de um homem como eu? É verdade, você ainda não conhece minha história, mas garanto que, ao chegar ao final deste relato, concordará comigo e, quem sabe, sentirá pena.

Como já disse, fui um homem que esbanjava saúde e por onde passava as mulheres suspiravam. Os homens? Sentiam inveja! E os que não possuíam alma temiam a simples pronúncia do meu nome. Mas algo deu errado, e alguma coisa fugiu do equilíbrio em que tanto acreditava: que o bem sempre vencia o mal.

Tudo começou no ano de 1624, quando visitei uma pequena cidade situada no norte da França, cujo nome não citarei, pois, além de estar em ruínas, me causa temor em despertar o demônio. Apesar de ser um lugar rústico, era agradável. A maioria dos que ali viviam tinham algum grau de consanguinidade. Vez ou outra surgia um forasteiro como eu ou alguns frades e comerciantes que pernoitavam em pequenas e baratas acomodações. Os frades permaneciam no velho mosteiro próximo da cidade, um lugar sombrio e chamativo, principalmente para aventureiros. Fiz o possível para encontrar um quarto longe do centro comercial, pois o cheiro de peixe e carniça era insuportável. A população com certeza já estava acostumada, pois o comércio de pescado era o destaque daquele lugar que sobrevivia com sua venda.

Lembro com perfeição que, apesar de simples e pequeno, o quarto onde fiquei hospedado por alguns dias era quente e aconchegante, além de ficar bem próximo do mosteiro. Uma excelente combinação, perfeita para um solitário caçador de aventuras. Sim, apesar da cobiça das mulheres, eu era um homem solitário, pois minha maior paixão sempre foi o sobrenatural. Confesso que sempre tive faro para lugares assombrados. E, quando passei por aquela cidade, apesar da aparência tranquila, algo me disse que encontraria acontecimentos anormais. A presença constante e nervosa de alguns frades, que perambulavam lá, denunciava tal fato. Com o passar dos dias, rumores começaram a surgir nas tabernas que frequentava. Pessoas diziam que um ser demoníaco estava na cidade. Poderia ser um simples boato, mas o fato é que, em questão de dias, três jovens garotas foram encontradas dilaceradas. Apresentavam sinais iguais de tortura em seus corpos. E o que mais me chamou a atenção: profundos ferimentos no lado direito dos pescoços, semelhantes às mordidas de animais com poderosas mandíbulas. Pior ainda era que nenhuma delas ainda possuía sangue; estavam pálidas, parecendo que, além das mordidas, a fera também lhes sugara o líquido da vida, não deixando uma gota sequer em seus corpos. Eu sabia muito bem o que tinha causado aquela carnificina e lhe contarei resumidamente o que sei: em minha adolescência, tive um mestre... na realidade, foi meu pai adotivo, já falecido. Ele foi um dos maiores estudiosos do mundo sobre o ocultismo e o sobrenatural. Certa vez, me contou sobre um bruxo que evocou um poderoso demônio, e este trouxe consigo uma praga que teve origem nos confins do inferno, que, por algum motivo que desconhecia, acabou contaminando o próprio bruxo. Esse homem mudou drasticamente, passando a adotar hábitos estranhos. Entre eles, canibalismo e o prazer por beber sangue humano. Aqueles que não assassinava eram contaminados e passavam a adotar os mesmos hábitos do bruxo. Meu mestre os chamava de sanguessugas, sugadores de sangue, e, apesar de serem poucos, pois a maioria não suportava os ferimentos e acabava morrendo, os que sobreviviam poderiam matar milhares de pessoas, pois apresentavam força sobre-humana. Meu mestre era sábio e, além da experiência com o ocultismo, tinha grandes conhecimentos de alquimia. Em poucos meses, conseguiu elaborar um elixir que poderia curar os contaminados recentemente. A combinação de ervas raras e minerais compostos causava reações diversas e a principal delas era a fraqueza constante nos membros do corpo, além de o curado passar a ser um morto-vivo, pois meu mestre tinha convicção de que os contaminados perdiam suas almas. Perdiam o brilho em seus olhos, que é o que distingue um homem vivo de todo o restante. E os sanguessugas não possuem esse brilho no olhar. Algo estranho, até mesmo louco. Se eu mesmo não tivesse visto esses monstros sugadores de sangue, não acreditaria.

Com certeza, o causador das mortes era um sanguessuga que se deleitava com o prazer em matar e tomar sangue. O que eu ainda não sabia era

onde ele estava, mas a agitação dos frades me dizia que descobriria algo se visitasse o velho mosteiro.

Confesso que não foi difícil adentrar o lugar. Bastou-me apenas vestir trapos marrons, um cordão em torno do abdome e sandálias. Logo estava entre os frades que juraram voto de pobreza, mas que viviam às mil regalias e se alimentavam como porcos. Lembro com perfeição que me esforcei para não levantar suspeitas, pois seus hábitos eram bem diferentes dos meus, mas meu principal relato não são os seus métodos não convencionais, e sim o que aconteceu naquela tétrica noite. Quando todos apagaram as velas e foram dormir, resolvi perambular pelos cantos sombrios do velho mosteiro à procura de alguma pista do sanguessuga. Além de mim, mais alguém perambulava no local, e o que deveras me surpreendeu, eriçando por completo todos os pelos do meu corpo, foi o estranho verso que aquele ser, quase num sussurro, sarcasticamente pronunciava. Eram *Os Versos da Morte*, escritos entre 1194 e 1197, e só descobri anos depois que o seu real autor fora um monge poeta que estivera séculos atrás naquele mosteiro, chamado Hélinand de Froidmont:

Os Versos da Morte – Hélinand de Froidmont

36

Se não há outra vida, mais vale
Então deixar o campo livre
Aos prazeres, e gozar sem remorsos.
Viva então a situação de porco,
Porque todo pecado é bom e belo!
Se a virtude é um tesouro,
Que farão estes monges então
Que, por Deus, atormentam seus corpos,
Que beberam o amargo a baldes cheios?
Se está quite após a morte,
Eles escolheram o mau posto
Todos os da ordem de *Cister*!

37

Se Deus nada retribui, ele se vende
Muito caro aos pobres monges brancos.
Os monges gordos estão melhor aquinhoados,
Eles rompem seus compromissos
E fazem procissão, muitas vezes,
Aos bons pedaços e aos bons leitos.

Certamente, como São Paulo diz
– Ele, de quem cada palavra é sentida –:
"Suportar por Deus os tormentos
No lugar de gozar a vida
É a saída de um pobre de espírito,
Se é tudo o que se espera".
(...)

Nada conseguiu apagar esses versos de minha mente, pronunciados por aquele ser demoníaco. Voltando ao relato daquela noite, após pronunciar os versos profanos, o estranho notou minha presença e apertou o passo, indo para a biblioteca do mosteiro. Minha única vela não conseguia iluminar o imenso local e, apesar do meu esforço, não consegui localizar o maldito. Ao perceber minha frustração e desistência, quando dei as costas para voltar aos meus aposentos, ele selou as trevas com um intenso e demoníaco gargalhar. Naquela mesma noite, sem sono e na janela da minha cela, fiquei observando o cenário enevoado e gélido. Um vulto, mais uma vez, chamou minha atenção. Parecia o mesmo que me enlouquecia há alguns minutos. Apesar da névoa e da distância da minha cela até o pátio, a Lua cheia presenteou-me, revelando os traços daquele ser imundo: baixo, magro, arqueado e com as vestes de um frade. Mesmo sem ter plena certeza de que era ele o assassino, minha intuição dizia que sim, pois os frades eram proibidos de sair do mosteiro tarde da noite, ainda mais quando deveriam estar em seus aposentos. Receoso, tranquei a porta da minha cela. Esperei acordado até o amanhecer.

Infelizmente, não tive boas notícias naquela fria manhã, pois um frade descuidado deixara a porta da sua cela destrancada e acabou tendo o mesmo destino das três jovens dilaceradas. Na mesma manhã, descobri que ele não fora o primeiro assassinado no mosteiro, mas o quinto. Todos foram encontrados da mesma maneira: com profundas perfurações no lado direito do pescoço, os mesmos sinais de tortura e o sangue drenado de seus corpos.

Ao meio-dia os frades fizeram uma reunião, então aproveitei que todos estavam juntos e tentei identificar o suspeito da noite anterior. Os murmúrios nauseantes dos velhos frades tentavam me confundir, mas um entre eles, o único que não se infiltrou na prosa, deveras me chamou a atenção. Cabisbaixo e com o olhar cerrado, parecia falar sozinho; quem sabe uma prece, ou mesmo os versos profanos da morte... A estranha fisionomia: pálido, arqueado e magro, identificava aquele que vi na noite anterior. Sim, era ele! Aproximei-me de um frade e perguntei: "Amado Frater, você conhece aquele que está logo adiante, cabisbaixo?" Ele disse: "Sim, claro, é o misterioso Frei François. Tenho pena dele, pois passou seis anos em peregrinação por toda a Romênia e dois enclausurado no mosteiro de Ahatoor na Transilvânia. Assim que retornou, foi recebido por esses acontecimentos demoníacos. Mas não repare,

pois ele voltou bem diferente, misterioso e calado. Deve ter sido a longa jornada ou os longos anos que passou distante da França como um cenobita".

Naquele momento, tive a plena convicção de que era ele o desgraçado sanguessuga, pois meu mestre dizia que na Romênia havia muitos deles. E que o bruxo que evocara o demônio que trazia consigo a praga infernal residia na Transilvânia. Agora, bastava esperar mais uma noite. A fatídica...

Já era quase meia-noite. Apesar de ser um experiente caçador, meu coração acelerava completamente sem controle. Minhas mãos estavam molhadas e trêmulas. Meus olhos vacilantes se confundiam com as sombras da noite. Uma adaga de prata que pertenceu ao meu mestre era minha única arma. Um frasco pela metade do poderoso e milagroso elixir era a minha garantia. Os minutos eram doloridos, nervosos e eternos. Apesar do intenso frio, as gotas de suor que respingavam da minha face diziam que eu estava vivo e acordado. Não era um pesadelo. Por mais incrível que pareça, eu gostava de sentir todas aquelas sensações que o medo provocava, de enfrentar o sobrenatural e de ver até quando minha resistência suportava. As velas apagadas denunciavam que todos os frades estavam em seus leitos. O vento sussurrava nas árvores do pátio e, como um animal, eu aguardava a minha demoníaca e poderosa presa. Com os dentes cerrados, olhos furiosos e punhos fechados, visualizei o assassino em flagrante. Apesar da frágil aparência, ele apresentava força hercúlea. Arrastava um corpo pelo pátio com facilidade. Sem permitir que notasse minha presença, segui seus passos e, no meio dos arvoredos, próximo de um lago, o festim diabólico iniciou-se: o sanguessuga que outrora fora chamado de Frei François acomodou-se de cócoras próximo de sua fácil presa e, enquanto pronunciava os versos profanos da morte, com suas poderosas garras, dilacerava o corpo de sua vítima, enquanto seu rosto estampava uma horrenda felicidade. A vítima, um obeso e velho frade, ainda estava viva, e seus gemidos intensificaram minha fúria. Como uma fera, saltei por cima da criatura. Com um simples e humilhante gesto, ela me arremessou longe. Ao me levantar da queda, senti algumas costelas soltas, o que dificultava minha respiração, mas, ainda com agilidade, tirei minha adaga de prata da bainha e fui de encontro ao demônio. Mas um mero e fatal descuido acabou com minha vida. Tropecei nas raízes de uma árvore e, em segundos, a criatura estava em cima de mim, ferozmente mordendo meu pescoço e sugando meu sangue. Cravei minha adaga em seu peito e, mesmo agonizando, o demoníaco ser agarrou meu braço esquerdo e quebrou meus ossos em várias partes. A dor era gigantesca, mas a luta pela sobrevivência me auxiliou naquela noite. Perdi a conta de quantas vezes perfurei o corpo daquele ser, que, mesmo com a vida se esvaindo, fazia questão de gargalhar enquanto cravava suas garras em minha cintura. Como sou amante do silêncio, dei as costas para a ensanguentada e desmembrada criatura.

Tingido de sangue, deixei que meus passos vacilantes me levassem para fora do mosteiro. Tentei me afastar o máximo que pude e, sem perder tempo, bebi todo o elixir da pequena garrafa que trazia comigo, pois temia tornar-me um sanguessuga.

Sim, derrotei aquele poderoso demônio, mas sei que outros ainda caminham pela Terra. O elixir evitou que eu me transformasse em um monstro, mas suas reações me tornaram um homem fraco, forçando-me permanentemente a abandonar a vida de caçador. O braço que a criatura quebrou nunca mais se recuperou, e hoje o meu único temor é o de não saber se ainda possuo uma alma, pois o brilho em meus olhos não existe mais.

***

Ademir Pascale é paulista, escritor e ativista cultural, casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Editor da Revista Conexão Literatura (http://www.revistaconexaoliteratura.com.br) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (http://www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro "Nouvelles du Brésil" (França), com xilogravuras de José Costa Leite. Organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir) e "Time Out - Os Viajantes do Tempo" (Editora Estronho). Fã de Mauricio de Sousa e Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor dos romances "Jornal em São Camilo da Maré" e "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe". Entre a organização de suas antologias, estão os títulos "O Legado De Edgar Allan Poe", "Histórias Para Ler e Morrer de Medo" e outros. Escreveu a introdução do livro "Bloody Mary - Lendas Inglesas" (Ed. Dark Books).
Contato: ademirpascale@gmail.com